

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLIII - 2004

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ISABEL VELÁQUEZ SORIANO, *Documentos de época visigoda escritos en pizarra (Siglos VI-VIII)*, Monumenta Palaeographica Medii Aevi, Series Hispanica, Real Academia de la Historia (Madrid), Turnhout (Belgium), Brepols Publishers, 2000, I Vol (164 pp.), II Vol. (200 pp.). ISBN: 2-503-50972-X

Estamos perante uma edição monumental do *Corpus de Pizarras Visigodas*, trabalho que começou por ser a dissertação de doutoramento da autora e foi progressivamente actualizado em edições de 1988 e 1989. A presente edição foi possível graças à sua inclusão nos *Monumenta Palaeographica Medii Aevi*.

Trata-se de um meritíssimo trabalho de investigação que, pela importância de que se reveste no âmbito dos estudos sobre a época suévica e visigótica, se torna de consulta imprescindível no estudo da totalidade das continuidades civilizacionais em que a língua latina serviu de principal suporte às interacções sociais na época em que a Hispânia se viu contextualizada pelos reinos bárbaros.

O Tomo I inicia-se com um Prefácio de Jacques Fontaine, que não se limita a reconhecer o mérito da obra mas também sublinha a importância das ardósias epigrafadas para conhecer o lado mais pragmático do quotidiano nos campos hispânicos na época visigótica. Prefácio que é seguido de uma Apresentação pela própria autora, contextualizando a sua investigação e explicando os critérios que adoptou para a edição, bem como a metodologia que seguiu na elaboração do aparato crítico. O corpo do Tomo é constituído por um total de cento e cinquenta e três fichas, correspondentes a outras tantas ardósias epigrafadas, cujos desenhos nos são patenteados juntamente com a transcrição e interpretação dos respectivos textos. Em Apêndice, sem desenho e inseridos na contagem total das peças, transcrevem-se as inscrições das duas ardósias de Braga, encontradas na Colina de Maximinos, junto aos *Balnea*, hoje no Museu Pio XII. A sua inclusão em Apêndice é justificada pelo facto de a sua edição ser aqui ainda *provisória e incompleta*, por faltarem à autora, segundo afirma, alguns dados, designadamente os que só poderão ser obtidos, apesar das excelentes fotografias que lhe foram enviadas por investigadores portugueses, através de uma observação directa.

O Tomo II inicia-se com uma extensa Introdução sobre os métodos de leitura e de representação gráfica que seguiu, fazendo o historial da investigação sobre este tema: contexto geográfico-arqueológico, relação de lugares e respectiva bibliografia. Procede depois ao estudo da escrita que nos surge nestas ardósias, suas cronologias, alfabetos tipo, forma das letras, nexos, abreviaturas e formas de *Episemon*. Analisa e destaca também outras tipologias de signos, tais como crismones e cruces monogramáticas que pontuam os textos. O corpo deste II Tomo é constituído pelas fotografias das peças, de esmerada execução gráfica. Conclui com um repertório bibliográfico, que poderemos considerar completo, e com os diferentes Índices que devem acompanhar uma obra desta qualidade.

À partida, estranha-se o facto de apenas se conhecerem duas inscrições em ardósia no território português, as já referidas atrás como encontradas em Braga, mas é essa a realidade. A estas poderíamos acrescentar a alusão que se faz a uma

outra ardósia encontrada no Monte da Falperra, arredores de Braga, com uma figura frontal gravada, assim como a notícia de terem sido encontradas em Almofala, concelho de Castelo Rodrigo, algumas ardósias com inscrições numéricas. A raridade no território português desta tipologia de suporte epigráfico poderá, um dia, vir a ser entendida com eventuais descobertas, sobretudo no Norte do País. Todavia, mesmo no território espanhol, a maioria destes documentos aqui publicados foi encontrada numa zona relativamente restrita em torno da antiga *Salamantica*, dando conta aí de um maior registo do seu uso. Tal poderá, eventualmente, ter a ver com uma maior riqueza geológica local nesta variante de xisto que lhes serve de suporte. No entanto, também não deixa de levantar interrogações quer uma maior antiguidade de que parecem revestir-se as inscrições de Braga – sécs. V-VI? –, quer o conteúdo do seu texto, que foge aos assuntos *in genere* veiculados neste tipo de documentos. Elas repetem praticamente o mesmo texto, que exprime uma espécie de maldição a um servo de uma tal *Rufina*, chamado *Serpentius*, a quem se deseja que, no prazo de um ano, um cancro o devore até à ponta dos dedos (Inscrição n.º 151, em parte repetida ou copiada *ad libitum* na n.º 152). Revela-se nesse texto um comportamento que continua as *defixiones* romanas, ainda longe dos conteúdos que se generalizam nas ardósias salmantenses, pelo menos naquelas onde é possível a sua identificação, dado que há muitas de conteúdo incerto. Com efeito, os assuntos identificados vão dos documentos jurídicos, das cartas e textos de aprendizagem escolar, às relações de pessoas, de objectos e de bens, sejam estes agrícolas ou pecuários, além de preces e encantamentos.

As inscrições em ardósia mostram-nos algo que se não via nos textos de cariz eclesiástico que tradicionalmente nos reportavam ao mundo suevo-visigótico. Dão-nos conta, na sua escrita em nova cursiva romana comum, de quotidianos da Hispânia não urbana. Ao lado de textos de Martinho de Dume, Isidoro de Sevilha ou de Frutuoso de Braga, escritos tendo como finalidade a contínua educação cristã do clero, dos monges e do povo, em que merece destaque o *Sermo de Correctione Rusticorum* escrito pelo primeiro para os habitantes das mais afastadas zonas rurais, os textos das ardósias são mais os dos agentes sociais na sua vida económica e relacional, num contexto laico, como sublinha Jacques Fontaine no seu texto introdutório a esta edição.

Obra extremamente útil e necessária para o conhecimento da época bárbara e das aculturações então vividas entre hispano-romanos, suevos e visigodos, onde o latim tardio se mantém vivo e expressivo, não pode nem deve passar despercebida nos estudos sobre a Antiguidade Tardia na Galécia e na Lusitânia, e também nas partes que hoje respeitam ao território português, até pelas motivações que traz ao aprofundamento da nossa percepção deste período histórico.

A minúcia da leitura e a experiente interpretação dos signos e dos formulários, fazem desta obra, que é um livro grande em dois volumes (44 x 32 cm), um grande livro cujo mérito aqui nos apraz registar.

M. Justino Maciel